



Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes

Technical and Scientific Journal Green Cities

ISSN 2317-8604 Suporte Online / Online Support

Edição em Português e Inglês / Edition in Portuguese and English - Vol. 13, N. 46, 2025

Espaços Livres às margens do Rio Tietê: usos e apropriações

Karina Cristina Chiari

Mestranda, UNESP, Brasil

karina.chiari@unesp.br

<https://orcid.org/0009-0006-6550-6012>

Norma Regina Truppel Constantino

Professora Doutora, UNESP, Brasil

norma.rt.constantino@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-8333-7092>



Espaços Livres às margens do Rio Tietê: usos e apropriações

RESUMO

Objetivo – Este artigo tem como objetivo analisar os espaços livres fluviais de Barra Bonita e de Igaraçu do Tietê, discutindo como esses espaços, embora situados às margens do mesmo rio, apresentam dinâmicas contrastantes de uso e apropriação, podendo ser compreendidos como parte de um sistema de espaços livres.

Metodologia – A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica sobre paisagem, e sistemas de espaços livres, associada a observações de campo, registros fotográficos e análise comparativa das características físicas, sociais e urbanísticas de cada espaço livre.

Originalidade/relevância – O estudo contribui ao preencher uma lacuna nas análises sobre espaços livres fluviais no interior paulista, ao destacar o papel das praias como elementos de mediação entre cidade e rio, pouco explorados nos debates acadêmicos sobre lazer e paisagem urbana.

Resultados – Os resultados evidenciam que a orla-parque de Barra Bonita se consolida como espaço turístico regional, articulado à navegação e ao fluxo de visitantes, enquanto a praia de Igaraçu do Tietê mantém caráter comunitário e cotidiano, voltado ao lazer local. Essas diferenças refletem distintas formas de apropriação e de gestão urbana.

Contribuições teóricas/metodológicas – O artigo reforça a pertinência da abordagem dos sistemas de espaços livres para a compreensão de áreas fluviais, evidenciando como a análise comparativa de usos e práticas sociais amplia a leitura da paisagem.

Contribuições sociais e ambientais – O estudo destaca a importância de políticas públicas que integrem os espaços livres em redes regionais de lazer, promovendo tanto a valorização da identidade comunitária quanto o fortalecimento da relação das cidades com o rio, contribuindo para a preservação ambiental e para o reconhecimento do Tietê como patrimônio paisagístico e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem. Rio Tietê. Espaços Livres.

Open Spaces on the borders of the Tietê River: uses and appropriations

ABSTRACT

Objective – This article aims to analyze the open river spaces of Barra Bonita and Igaraçu do Tietê, discussing how these spaces, although located on the banks of the same river, present contrasting dynamics of use and appropriation, and can be understood as part of a system of open spaces.

Methodology – The research adopts a qualitative approach, based on a literature review on landscape, and open space systems, combined with field observations, photographic records, and a comparative analysis of the physical, social, and urban characteristics of each open space.

Originality/Relevance – The study contributes by filling a gap in the analysis of river open spaces in the interior of São Paulo state, highlighting the role of small beaches as mediators between city and river, a role that has been little explored in academic debates on leisure and urban landscape.

Results – The results demonstrate that the Barra Bonita open space is consolidating itself as a regional tourist space, linked to navigation and the flow of visitors, while the Igaraçu do Tietê small beach maintains a communal and everyday character, focused on local leisure. These differences reflect distinct forms of urban appropriation and management.

Theoretical/methodological contributions – The article reinforces the relevance of the open space systems approach to understanding river areas, highlighting how a comparative analysis of uses and social practices broadens the understanding of the landscape.

Social and environmental contributions – The study highlights the importance of public policies that integrate open spaces into regional leisure networks, promoting both the appreciation of community identity and the strengthening of the cities' relationship with the river, contributing to environmental preservation and the recognition of the Tietê River as a landscape and cultural heritage site.

KEYWORDS: Landscape. Tietê River. Open Spaces.



Espacios abiertos en las orillas del río Tietê: usos y apropiaciones

RESUMEN

Objetivo – Este artículo tiene como objetivo analizar los espacios abiertos fluviales de Barra Bonita e Igaraçu do Tietê, discutiendo cómo estos espacios, aunque ubicados en las márgenes del mismo río, presentan dinámicas contrastantes de uso y apropiación, y pueden ser entendidos como parte de un sistema de espacios abiertos.

Metodología – La investigación adopta un enfoque cualitativo, basado en una revisión bibliográfica sobre paisaje y sistemas de espacios abiertos, combinada con observaciones de campo, registros fotográficos y un análisis comparativo de las características físicas, sociales y urbanas de cada espacio abierto.

Originalidad/Relevancia – El estudio contribuye a llenar un vacío en el análisis de los espacios abiertos fluviales en el interior del estado de São Paulo, destacando el papel de las pequeñas playas como mediadoras entre la ciudad y el río, un papel poco explorado en los debates académicos sobre ocio y paisaje urbano.

Resultados – Los resultados demuestran que la orla-parque de Barra Bonita se está consolidando como un espacio turístico regional, vinculado a la navegación y al flujo de visitantes, mientras que la playa de Igaraçu do Tietê mantiene un carácter comunitario y cotidiano, centrado en el ocio local. Estas diferencias reflejan distintas formas de apropiación y gestión urbana.

Contribuciones teóricas y metodológicas – El artículo refuerza la relevancia del enfoque de sistemas de espacios abiertos para la comprensión de las áreas fluviales, destacando cómo un análisis comparativo de usos y prácticas sociales amplía la comprensión del paisaje.

Contribuciones socioambientales – El estudio destaca la importancia de las políticas públicas que integran los espacios abiertos en las redes regionales de ocio, promoviendo tanto la valoración de la identidad comunitaria como el fortalecimiento de la relación de las ciudades con el río, contribuyendo a la preservación ambiental y al reconocimiento del río Tietê como patrimonio paisajístico y cultural.

PALABRAS CLAVE: Paisaje. Río Tietê. Espacios Abiertos.



1 INTRODUÇÃO

A paisagem constitui um campo em permanente transformação, não apenas em sua dimensão material, mas também nos conceitos, abordagens e perspectivas que a interpretam. Nesse sentido, os estudos da paisagem devem acompanhar tais mudanças, evitando leituras únicas ou estáticas, e assumindo seu caráter multidimensional, multiescalar e, sobretudo, interdisciplinar. Conforme Assunto (2011), a paisagem pode ser entendida como síntese primordial entre a matéria – o território – e seu conteúdo ou função – o ambiente. Essa definição ressalta que a vida não se desenrola apenas no registro burocrático do espaço territorial, mas na interação dinâmica entre o ambiente e as formas sociais que nele se manifestam. Assim, a paisagem não se reduz a uma representação visual: ela se constitui como produto das interações entre sociedade e natureza, trazendo consigo as marcas históricas das práticas humanas e dos processos naturais.

Besse (2014, p. 45) amplia essa compreensão ao afirmar que a paisagem “deve ser entendida como o ponto de encontro entre as decisões humanas e o conjunto das condições materiais (naturais, sociais, históricas, espaciais, etc.) nas quais surge e tenta formular-se”. Nesse sentido, uma característica essencial da paisagem é sua condição de coexistência, manifestada na interação entre meio, ser humano e natureza. A Filosofia da Paisagem, como destacam Serrão e Reker (2019, p. 13-14), busca refletir sobre essa dinâmica relacional, propondo a paisagem como um novo paradigma: um elemento de conexão que reúne humano e natural em um amplo processo de renaturalização.

Os rios, nesse contexto, ocupam lugar central como estruturadores de paisagens, moldando territórios e influenciando a organização cultural e espacial das sociedades ao longo do tempo. O rio Tietê, ao atravessar o território paulista, conforma uma paisagem marcada por transformações contínuas e por intervenções que alteraram sua forma e significado. Mais do que curso d’água, o Tietê consolidou-se como eixo simbólico e histórico, a partir do qual “a historiografia construiu um imaginário sobre as origens paulistas e a formação territorial do Brasil, onde a capital e o estado, o Brasil e São Paulo se confundem e se fundem numa trama única” (Corrêa, 2008, p. 47).

Ao longo do percurso do rio Tietê, especialmente em seu trecho médio, diferentes formas de uso e apropriação de suas margens foram se consolidando, intensificadas a partir da década de 1960 com a implantação das usinas hidrelétricas entre Barra Bonita e a foz no rio Paraná. A construção desses empreendimentos, com seus reservatórios e eclusas, resultou na inundação de extensas áreas ribeirinhas, impactando diretamente cidades situadas às margens do rio e produzindo transformações sociais, culturais e ambientais significativas. O contato cotidiano das comunidades com o rio foi alterado, enquanto antigas atividades econômicas vinculadas às margens, como as olarias, foram gradualmente enfraquecidas e desativadas.

Nesse cenário de ruptura, novas práticas econômicas e de lazer emergiram como alternativas para reativar a economia local e ressignificar a relação com o rio. Entre elas, destacam-se os passeios fluviais pelas eclusas, a conformação de parques e as praias fluviais — popularmente conhecidas como “praias” —, espaços destinados ao turismo e à recreação que



passaram a demandar investimentos em infraestrutura urbana e turística. Esses espaços configuraram-se, portanto, como áreas livres de lazer, encontro e contemplação, que, ao mesmo tempo em que se vinculam à memória fluvial, expressam dinâmicas sociais e culturais específicas de cada localidade.

Partindo desse contexto, este artigo discute como os habitantes e visitantes se apropriam da paisagem tietana por meio do lazer e da contemplação nos espaços ribeirinhos. A hipótese levantada é de que tais espaços e praias fluviais podem ser compreendidas como elementos integrantes de um **Sistema de Espaços Livres**, cuja análise permite compreender não apenas suas dimensões físicas, mas também os processos de uso, apropriação e significação social que os estruturam.

O conceito de “espaços livres de edificação” no Brasil remonta à década de 1970, tendo sido amplamente explorado por Miranda Magnoli, cuja produção científica consolidou bases fundamentais para o entendimento dessa categoria (Magnoli, 2006, p. 143). Mais recentemente, a perspectiva sistêmica aplicada à paisagem urbana vem sendo aprofundada, conforme discute Tardin (2018), ao destacar que a observação integrada entre espaços livres e edificados permite compreender a construção da paisagem no tempo, seus elementos, processos, relações e intenções futuras, constituindo subsídio essencial para sua ordenação.

Segundo Schlee et al. (2009, p. 243), “os espaços livres urbanos constituem um **sistema** complexo, inter-relacionado com outros sistemas urbanos que podem se justapor ao sistema de espaços livres (sistema de objetos edificados e seu correspondente sistema de ações) ou se sobrepor, total ou parcialmente, enquanto sistemas de ações”. Para Queiroga e Benfatti (2007, p. 86), esse sistema é marcado por relações de conectividade, complementaridade e hierarquia, desempenhando múltiplos papéis, como circulação, drenagem urbana, lazer, conforto, preservação, conservação, requalificação ambiental e convívio social, o que frequentemente os torna marcos referenciais para os habitantes.

Nesse sentido, compreender os espaços livres como sistema implica reconhecer a interdependência entre seus elementos e processos, tanto em relação à configuração física quanto às dimensões funcionais e vivenciais. Como destaca Tardin (2018), um **sistema** é visto como um conjunto de elementos passíveis de estabelecer inter-relações, físicas, funcionais, e relativas à vivência da paisagem, abertas e intricadas entre si, com seu entorno, e com as pessoas que o vivenciam.

Para que um sistema de espaços livres seja configurado, é fundamental reconhecer seus elementos constitutivos, os processos a que estão submetidos e as múltiplas relações que estabelecem entre si, com o entorno e com aqueles que os vivenciam. As configurações físicas desses espaços não se limitam a aspectos formais: elas carregam significados subjetivos que se acumulam ao longo do tempo e que podem se manifestar como fortes memórias ou experiências multissensoriais. Como observa Mattos (2017, p. 44), recordações de experiências do passado, especialmente da infância, exercem influência decisiva sobre o bem-estar na vida adulta, revelando a profundidade da ligação entre espaço e experiência vivida.

Ainda segundo a autora, esses espaços cumprem papel central na promoção de uma ampla diversidade de usos. Ao mesmo tempo em que incentivam a prática de atividades esportivas por meio de equipamentos específicos, também fomentam vivências recreativas, lúdicas, culturais, contemplativas e de convivência. Essa diversidade é condição essencial para estimular a interação entre diferentes grupos étnicos, sociais e etários, assegurando um

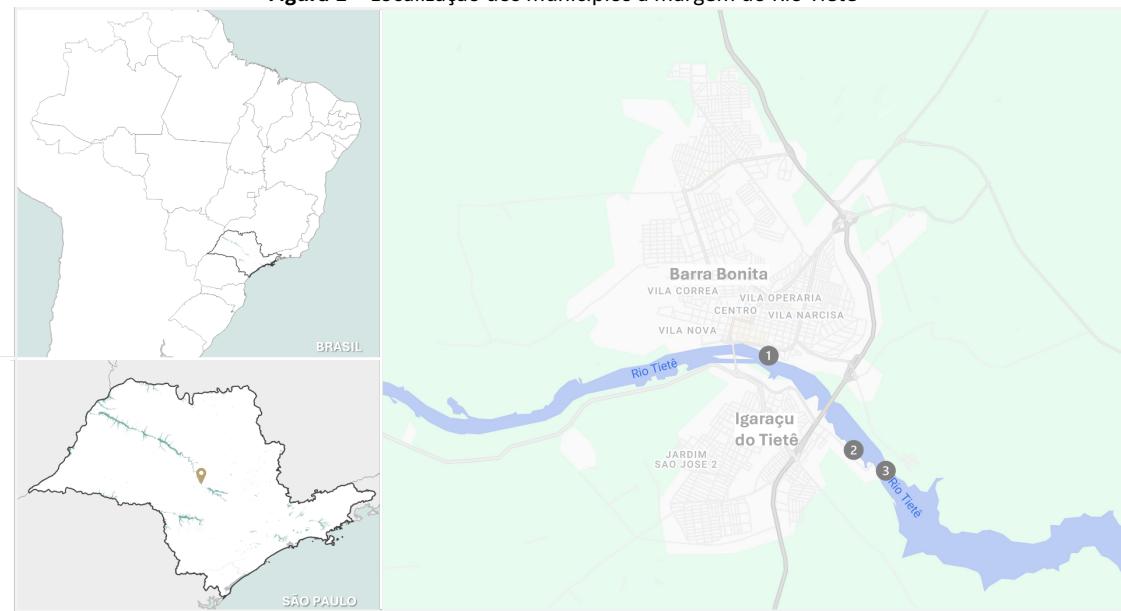
comportamento cívico que fortalece a vida em sociedade (Mattos, 2017, p. 45).

Além disso, o ambiente natural oferece componentes restaurativos fundamentais. Kaplan (1995) ressalta que a vivência em espaços ao ar livre contribui para a restauração psicológica, alívio do estresse e ampliação da atenção, sendo potencializada por práticas como caminhar, contemplar a paisagem ou usufruir de momentos de lazer em contato direto com a natureza.

A partir dessa perspectiva, dois desses espaços – a orla-parque de Barra Bonita e a prainha de Igaraçu do Tietê – oferecem um campo de observação privilegiado para compreender a diversidade de usos do espaço público fluvial. Nesse contexto, compreender esses espaços como parte de um sistema de espaços livres permite ampliar o olhar além da dimensão física, incluindo aspectos sociais, culturais e simbólicos que definem suas práticas. Mais do que áreas isoladas de recreação, esses espaços podem ser entendidos como expressões da relação entre cidade, paisagem e natureza revelando modos distintos de viver e se apropriar da paisagem fluvial.

A figura 1, demonstra o Rio Tietê e as cidades de Barra Bonita e Igaraçu do Tietê, e os principais locais referência do trabalho: **1 – A orla-parque de Barra Bonita; 2 – A prainha “Maria do Carmo de Abreu Sodré” e 3 – A Usina Hidrelétrica de Barra Bonita.**

Figura 1 – Localização dos municípios à margem do Rio Tietê



Fonte: Produzido pelas autoras (2025).

Assim, portanto este artigo, tem como **objetivo** analisar qualitativamente os usos e apropriações dos espaços livres de Barra Bonita e de Igaraçu do Tietê atualmente, discutindo como suas diferenças de inserção urbana, infraestrutura e apropriação social contribuem para a construção de paisagens contrastantes às margens do Tietê. Para tanto, utiliza-se da paisagem como referencial teórico e procedimento metodológico.



2 A PAISAGEM COMO REFERENCIAL TEÓRICO E PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Neste estudo, a **paisagem** é adotada simultaneamente como referencial teórico e como procedimento metodológico, configurando-se como chave de leitura capaz de revelar a inter-relação entre processos históricos, sociais, culturais e ambientais que a conformam (Constantino; Chiari, 2025). Ao ser tomada como perspectiva de análise dos espaços livres, a paisagem permite apreender sua totalidade, abrangendo tanto dimensões físicas quanto os significados sociais e culturais que lhes são atribuídos.

Os **procedimentos metodológicos** desta pesquisa fundamentam-se nos aportes teóricos de Jean-Marc Besse, filósofo francês que, em *O gosto do mundo – exercícios de paisagem* (2014), propõe cinco modos de apreensão da paisagem, denominados “portas”. Para os fins deste trabalho, privilegiaram-se três delas: **I porta – a paisagem como representação cultural e social; II porta – a paisagem como território fabricado e habitado; e IV porta – a paisagem como experiência fenomenológica.**

A primeira porta, “**paisagem como representação cultural e social**”, considera que a paisagem não se reduz a uma realidade objetiva e autônoma, mas constitui uma construção simbólica mediada por formas de percepção e significação. Desse modo, emerge como produto cultural, resultado de processos históricos e sociais que se manifestam em discursos, valores, memórias e representações coletivas. Conforme enfatiza Besse (2014), essa abordagem exige compreender a paisagem a partir dos imaginários sociais e dos códigos culturais que moldam sua apropriação e interpretação.

A segunda porta, “**paisagem como território fabricado e habitado**”, ultrapassa a dimensão representacional e evidencia a materialidade das práticas humanas. Inspirado na teoria de John Brinckerhoff Jackson, Besse (2014) reforça que a paisagem deve ser entendida como “produção cultural”, inseparável da vida cotidiana. Assim, constitui-se como espaço organizado pela ação coletiva, no qual o substrato natural é transformado em obra cultural, revelando as marcas da economia, da política e da cultura.

Por fim, a quarta porta aborda a “**paisagem como experiência fenomenológica**”, centrada na dimensão vivencial e sensorial. Nesse contexto, a paisagem não se limita à representação ou à materialidade construída, mas se concretiza como acontecimento, no encontro entre o ser humano e o mundo. Para Besse (2014), trata-se de uma experiência de exposição ao real, na qual o corpo é afetado pelas texturas, estruturas, espacialidades e atmosferas. A paisagem, portanto, só se revela em plenitude quando percorrida, habitada e sentida em sua densidade fenomenológica.

Essas três perspectivas de leitura da paisagem orientaram, de modo articulado, tanto o enquadramento teórico quanto os procedimentos metodológicos da pesquisa, organizados conforme o Quadro 1.



Quadro 1 – Procedimentos metodológicos adotados na pesquisa

REFERENCIAL TEÓRICO (BESSE, 2014)	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	RESULTADOS
I PORTA: paisagem como representação cultural II PORTA: paisagem como território fabricado e habitado	Pesquisa bibliográfica histórica; Memorialistas; Levantamento iconográfico;	Levantamento bibliográfico e documental → embasamento teórico da história da cidade, do território e da paisagem
IV PORTA: paisagem como experiência fenomenológica	Percursos de observação; Registro fotográfico;	Levantamento de campo e sistematização dos dados levantados → percepção da paisagem

Fonte: Produzido pelas autoras (2025) com base em Besse (2014).

Entre os **procedimentos metodológicos** adotados para alcançar os objetivos propostos, destacam-se a pesquisa bibliográfica e documental, voltada especialmente ao contexto da implantação dos espaços livres analisados. Complementarmente, foram utilizados recursos como análise cartográfica, levantamento fotográfico e observação participativa, esta última possibilitada por visitas presenciais aos locais de estudo.

O trabalho de campo concentrou-se na orla-parque de Barra Bonita e na prainha de Igaraçu do Tietê, onde foram realizados percursos orientados pela observação de pontos de interesse, buscando captar a relação entre o espaço, seus usos e a experiência do lugar.

Dessa forma, os **resultados** foram organizados em dois eixos principais: o primeiro dedicado à inserção e materialização desses espaços livres no tecido urbano, e o segundo voltado à análise das formas de apropriação social que caracterizam cada localidade.

3 USOS E APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS LIVRES ÀS MARGENS DO TIETÊ

Neste primeiro eixo de resultados, observa-se a inserção dos espaços livres nas duas cidades estudadas, destacando os movimentos da gestão pública na implantação das infraestruturas e a forma como esses espaços se materializam na atualidade.

3.1 A inserção urbana da orla-parque em Barra Bonita

Em Barra Bonita (figura 2), a criação e consolidação de seus espaços livres estiveram diretamente associadas à exploração do potencial turístico do município. Conforme aponta Rosa (2020), esse processo teve início em 1964, durante a gestão do prefeito Clodoaldo Antonangelo, quando foi elaborado um projeto de lei que instituiu o Departamento Municipal de Turismo. A iniciativa partiu do reconhecimento do valor paisagístico do Rio Tietê e da infraestrutura urbana já existente, composta por praças e jardins, que reforçavam a atratividade do lugar. Em 1967, Barra Bonita foi oficialmente integrada ao roteiro turístico do Estado de São Paulo, consolidando sua vocação para o setor.



Figura 2 – A inserção da orla-parque de Barra Bonita às margens do Tietê



Fonte: Google Earth (2025), adaptado pelas autoras.

O enquadramento oficial como município turístico impulsionou a chegada de visitantes e estimulou a instalação de novas infraestruturas de apoio, como restaurantes, lanchonetes, bares e hotéis localizados próximos às praças e à orla. Em 1973, a inauguração da Eclusa Dr. José Bonifácio de Andrada e Silva Jardim representou um marco decisivo para o turismo regional. Nesse mesmo período, a empresa Navegação Fluvial Médio Tietê, criada em 1968, lançou o barco Crepúsculo Romântico, pioneiro nos passeios fluviais turísticos. A eclusa (figura 3), por sua vez, passou a ser explorada como atrativo, tornando-se a primeira da América do Sul a receber esse tipo de uso turístico.



Figura 3 – A Usina Hidrelétrica de Barra Bonita e a eclusa à direita



Fonte: Acervo das autoras (2025).

A ascensão do setor consolidou-se em 1979, quando Barra Bonita foi elevada à categoria de Estância Turística. Já nos anos 1980, o rio passou a oferecer aos visitantes novas modalidades de lazer, como esportes náuticos — a exemplo do esqui aquático e da navegação a vela. Nesse mesmo período, iniciou-se o planejamento da orla-parque, concebida como um complexo multifuncional de lazer e esporte. O projeto previa jardins, plataforma para embarque e desembarque, estacionamento com capacidade para 67 automóveis e 23 ônibus, além de um anfiteatro, recinto para exposição de animais, aquário, lanchonete, praça, hotel beira-rio e pavimentação em mosaico português policromático (Rosa, 2020). Localizada às margens do Rio Tietê e integrada à malha urbana com aproximadamente 58.949,13m², a área foi estrategicamente projetada próxima ao centro da cidade (figura 4), reforçando a centralidade da orla como um espaço livre estruturador do turismo e do lazer em Barra Bonita.



Figura 4 – A orla-parque de Barra Bonita e seu complexo turístico às margens do Tietê



Fonte: Acervo das autoras (2025).

3.2 A inserção urbana da prainha em Igaraçu do Tietê

Em Igaraçu do Tietê, a conformação dos espaços livres fluviais esteve diretamente associada à construção da hidrelétrica e ao consequente barramento do rio, processo que coincidiu com a emancipação político-administrativa do município. Esses marcos abriram caminho para a emergência de novos usos nas margens. A partir da década de 1960 iniciou-se a implantação da praia fluvial próxima à barragem (figura 5), acompanhada de uma infraestrutura inicial voltada ao lazer. Diferentemente de Barra Bonita, contudo, a consolidação oficial de Igaraçu do Tietê como Estância Turística ocorreu apenas em 1994, quase quinze anos após a cidade vizinha.



Figura 5 – A inserção da prainha de Igaraçu do Tietê e o contato direto com o Tietê



Fonte: Acervo das autoras (2025).

A Praia Municipal Maria de Abreu Sodré ocupa uma área de aproximadamente 52.363,19 m² e reúne diversas edificações de apoio. Antes mesmo da década de 1960, já havia no local um trecho de areia natural, ainda sem uso significativo pela população. Com a construção da barragem em 1963, o então prefeito João Perassoli reconheceu o potencial turístico da área e promoveu o aplainamento da areia, criando oficialmente a prainha. Nesse mesmo período, foram erguidas as primeiras estruturas de apoio: um restaurante em ponto elevado, conhecido como Canoa Grande, e, posteriormente, uma lanchonete instalada em um vagão de trem adaptado (Costa, 2017).

As décadas seguintes foram marcadas por sucessivas reformulações. Em 2001, a praia passou por sua primeira grande reforma, que buscava transformá-la no “cartão de visitas” da cidade. Foram demolidas as estruturas antigas e construídas duas novas lanchonetes, além de um calçadão de 10 metros de largura por 450 metros de extensão e um palco para eventos. Em 2009, uma segunda intervenção ampliou as possibilidades de uso do espaço, com a instalação de um bar solário e de um complexo que incluía auditório, teatro, quiosques e marina.



Figura 6 – Letreiro na prainha de Igaraçu do Tietê.



Fonte: Acervo das autoras (2025).

Em 2014, no mesmo local onde funcionava o antigo Canoa Grande, foi construído um novo restaurante homônimo, reforçando a memória do espaço. A última grande reforma ocorreu em 2016, contemplando reparos, pintura, melhorias gerais e a construção de um portal de entrada. Atualmente, a praia municipal dispõe de ampla infraestrutura: área de areia, restaurantes, edifício destinado ao bar solário, banheiros, calçadão, quiosques, quadras esportivas e um complexo cultural composto por teatro e auditório (figura 7). Esses elementos materializam a busca da cidade por consolidar a prainha não apenas como espaço de lazer cotidiano, mas também como equipamento de referência turística na relação entre Igaraçu do Tietê e a região.



Figura 7 – A prainha de Igaraçu do Tietê e o contato direto com o Tietê.



Fonte: Acervo das autoras (2025).

3.3 As apropriações contrastantes dos espaços livres

O segundo eixo de resultados, busca compreender e analisar as formas de apropriação dos espaços livres, através do caminhar¹, vivenciando e experienciando a paisagem fluvial de cada município.

3.3.1 A orla-parque de Barra Bonita

A orla-parque de Barra Bonita apresenta-se hoje como um espaço livre de lazer e turismo consolidado, dotado de uma infraestrutura robusta e diversificada, compatível com seu status de Estância Turística. O conjunto urbano-paisagístico (figura 8) reúne áreas destinadas à recreação, com amplos jardins, bancos distribuídos ao longo do percurso e espaços de convivência que favorecem tanto o descanso quanto a contemplação da paisagem fluvial. A presença de bares, restaurantes e lanchonetes próximos à margem amplia as possibilidades de uso, integrando lazer e consumo, enquanto equipamentos culturais, como o Museu Municipal a Praça do Artesanato, Centro Cultural e o Memorial do Rio Tietê, reforçam a dimensão cultural, educativa e simbólica do lugar.

¹ Os percursos através dos espaços livres de Barra Bonita e Igaraçu do Tietê foram realizados em 7 de junho de 2025 (sábado) durante o período da manhã e tarde.



Figura 8 – Sistema de Espaços Livres orla-parque de Barra Bonita.



Fonte: Acervo das autoras (2025).

A infraestrutura de apoio também merece destaque: estacionamentos com capacidade para carros e ônibus de excursão, lixeiras bem distribuídas, banheiros públicos e um sistema de limpeza eficiente asseguram condições adequadas de uso, mantendo o espaço compatível com a expectativa de visitantes. Observou-se que, mesmo em um dia nublado, a orla estava movimentada, com grande fluxo de turistas vindos de cidades vizinhas em excursões organizadas. Essa vitalidade evidencia não apenas a atratividade regional de Barra Bonita, mas também a eficácia da infraestrutura instalada em sustentar o turismo fluvial como eixo estruturador da vida urbana.



Figura 9 – Barcos turísticos atracados na margem do Tietê em Barra Bonita.



Fonte: Acervo das autoras (2025).

3.3.2 A prainha de Igaraçu do Tietê

Em contraste com a vitalidade turística observada em Barra Bonita, a prainha de Igaraçu do Tietê apresenta atualmente um cenário de subutilização. Apesar de ter sido concebida como polo de atração turística, sua infraestrutura encontra-se marcada por problemas que limitam o pleno aproveitamento do espaço. No momento da visita, o restaurante principal estava fechado, mesmo em horário próximo ao almoço, e bares e quiosques do complexo também permaneciam sem funcionamento. Embora o local estivesse limpo, com a grama aparada, ausência de resíduos e presença de funcionários da prefeitura realizando manutenção, a área encontrava-se praticamente deserta, sem usuários.



Figura 10 – A prainha de Igaraçu do Tietê e o bar solário ao fundo.



Fonte: Acervo das autoras (2025).

Alguns fatores estruturais contribuem para esse esvaziamento. A localização da prainha, distante dos principais loteamentos e fora da área central, associada à ausência de transporte público que a conecte à cidade, restringe seu acesso quase exclusivamente aos automóveis. Além disso, episódios recorrentes de vandalismo nos edifícios do complexo têm provocado deterioração do patrimônio, reforçando uma percepção de insegurança e desestímulo ao uso por parte da população local. Soma-se a isso a qualidade da água do rio², classificada como imprópria para o banho devido à poluição, o que compromete a principal vocação recreativa do espaço.

²Um relatório sobre as condições de balneabilidade, saneamento básico e impacto ambiental foi organizado recentemente pelo Tribunal de Contas do Estado de São Paulo (TCE-SP) e constatou o abandono do espaço público e pontos de despejo de esgoto em Barra Bonita, causando espumas no Rio Tietê. Ver mais em: <https://g1.globo.com/google/amp/sp/bauru-marilia/noticia/2025/05/28/tce-identifica-irregularidades-ambientais-e-de-infraestrutura-em-praias-e-areas-as-margens-de-rios-do-interior-de-sp.ghtml>



Figura 11 – Calçadão vazio do complexo da prainha em Igaraçu do Tietê.



Fonte: Acervo das autoras (2025).

As reformas realizadas ao longo dos anos (2001, 2009, 2014 e 2016) tiveram como objetivo requalificar a infraestrutura existente e, ao mesmo tempo, responder aos sinais de abandono e degradação resultantes do baixo uso do local. A ausência de frequentadores contribuiu para a deterioração dos equipamentos e para o aumento de atos de vandalismo, o que reforçou a necessidade de constantes intervenções por parte do poder público. Ainda assim, mesmo após sucessivas reformas, a prainha permanece subaproveitada, evidenciando um descompasso entre a oferta de infraestrutura e as condições reais de apropriação social do espaço.

O paralelo entre os dois espaços evidencia trajetórias bastante distintas de inserção e materialização dos espaços livres fluviais. Em Barra Bonita, observa-se uma forte articulação entre investimento em infraestrutura, planejamento urbano e efetiva apropriação social, o que consolidou a orla como polo turístico regional, capaz de atrair visitantes mesmo em dias menos favoráveis. Já em Igaraçu do Tietê, a prainha, apesar de sucessivas reformas e da ampla infraestrutura instalada, permanece marcada pelo subuso, pela degradação recorrente e pela frágil integração com a malha urbana e com a vida cotidiana da cidade.

Enquanto em Barra Bonita a paisagem fluvial se converteu em recurso econômico, cultural e social, em Igaraçu o espaço revela um descompasso entre projeto e prática, evidenciando os limites de uma política de requalificação baseada apenas em obras físicas, sem considerar plenamente as condições de acesso, segurança e qualidade ambiental que garantiriam sua vitalidade como espaço livre público.

Os espaços livres analisados revelam que a qualidade dos espaços livres não depende apenas da infraestrutura física instalada, mas sobretudo da forma como se estabelecem as



relações entre sociedade e natureza, mediadas pela apropriação cotidiana. Como aponta Leite (1996), o projeto, ao atribuir usos ao lugar, deve qualificá-lo, ampliando suas possibilidades de significado, e não apenas delimitá-lo em função de um desenho pré-estabelecido. Ou seja, é através dos usos que se qualifica o lugar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que a qualificação dos espaços livres não se restringe à presença de infraestrutura física, mas depende, sobretudo, da articulação entre projeto urbano, inserção territorial e apropriação social. Nesse sentido, Barra Bonita consolidou-se como polo turístico regional, apoiada em planejamento e gestão contínua, enquanto Igaraçu do Tietê expõe os limites de intervenções pontuais, marcadas por sucessivas reformas e baixo uso efetivo. O resultado são paisagens contrastantes, que revelam diferentes modos de uso e apropriação dos espaços.

Essas constatações convidam a uma reflexão: não basta investir em equipamentos ou reformar estruturas; é necessário repensar a gestão dos espaços livres a partir das demandas sociais, da acessibilidade e das condições ambientais que sustentam sua vitalidade. Isso implica incluir estratégias de participação comunitária, diversificação de usos, conexão com a malha urbana e, sobretudo, políticas ambientais que garantam rios mais limpos e seguros.

Assim, os espaços às margens do Tietê podem deixar de ser apenas equipamentos turísticos ou espaços subutilizados para se consolidarem como elementos estruturantes de um Sistema de Espaços Livres. Mais do que lugares de lazer, elas têm potencial para se tornar laboratórios vivos de convivência, educação ambiental e ressignificação da relação entre cidade e rio, contribuindo tanto para a qualidade de vida urbana quanto para a construção de uma identidade coletiva mais sustentável.



REFERÊNCIAS

ASSUNTO, Rosario. Paisagem, Ambiente, Território – uma tentativa de clarificação conceptual. In: SERRÃO, A.V. (org.). **Filosofia da Paisagem – uma antologia**. Lisboa: CFUL, 2011. p. 125-129.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

CONSTANTINO, Norma Regina Truppel; CHIARI, Karina Cristina. A paisagem como ferramenta de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: Teoria e Método. **DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, [S. I.J, v. 12, n. 2, 2025. DOI: 10.20873/2025_ENEPEA_v12n2.19. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/21011>. Acesso em: 10 ago. 2025.

CORRÊA, Dora. S. Os rios na formação territorial do Brasil. Considerações sobre a historiografia paulista. In: ARRUDA, G. **A natureza dos rios, histórias, memórias e territórios**. Curitiba. Editora UFPR. 2008. p. 47–72.

COSTA, Luana. R. **Cidades e Rios no Oeste Paulista – Rio Tietê e as cidades de Ibitinga e Igaraçu do Tietê**. Relatório Científico. Processo nº 2016/07227-9. 2017.

KAPLAN, Stephen. **The restorative benefits of nature: Toward an integrative framework**. Journal of Environmental Psychology, 15, 169-182, 1995

LEITE, Maria.A.F.P. **Projeto e uso dos espaços públicos, o código e a interpretação**. Texto apresentado na Mesa Redonda Representações da cidade: imagens cruzadas entre Brasil e Europa, no III Congresso da Brazilian Studies Association, Cambridge, 1996.

MAGNOLI, Miranda. Espaço livre – Objeto de trabalho. **Paisagem e Ambiente: Ensaios**, São Paulo: FAUUSP, n. 21, p. 177-200, 2006.

MATTOS, Karina. A. **Espaços verdes urbanos: análise multimétodos para a valorização**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2017.

QUEIROGA, E. F.; BENFATTI, D. M. Sistemas de espaços livres urbanos: construindo um referencial teórico. **Paisagem e Ambiente - Ensaios**, São Paulo: FAUUSP. n.24, p. 81-87, 2007.

ROSA, Gabriela. **Por uma ressignificação do Rio Tietê no Oeste Paulista: Barra Bonita e Pederneiras**. Dissertação (Mestrado)– Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2020.

SCHLEE et al. Sistema de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras – Um Debate conceitual. **Paisagem Ambiente: ensaios**, n. 26, São Paulo, p. 225 – 247, 2009.

SERRÃO, Adriana Verissimo; REKER, Moirika. **Philosophy of landscape. Think, Walk**, Act. Lisboa: CPUL, 2019.

TARDIN, Raquel. **Análise, Ordenação e Projeto da Paisagem: uma abordagem sistêmica**. Rio de Janeiro: Rio Books/UFRJ/Prourb, 2018.



DECLARAÇÕES

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Ao descrever a participação de cada autor no manuscrito, utilize os seguintes critérios:

- **Concepção e Design do Estudo:** Karina Chiari sob orientação de Norma Constantino.
- **Curadoria de Dados:** Karina Chiari sob orientação de Norma Constantino.
- **Análise Formal:** Karina Chiari sob orientação de Norma Constantino.
- **Aquisição de Financiamento:** Não houve.
- **Investigação:** Karina Chiari sob orientação de Norma Constantino.
- **Metodologia:** Karina Chiari sob orientação de Norma Constantino.
- **Redação - Rascunho Inicial:** Karina Chiari sob orientação de Norma Constantino.
- **Redação - Revisão Crítica:** Karina Chiari sob orientação de Norma Constantino.
- **Revisão e Edição Final:** Karina Chiari sob orientação de Norma Constantino.
- **Supervisão:** Karina Chiari sob orientação de Norma Constantino.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Nós, Karina Chiari e Norma Constantino, declaramos que o manuscrito intitulado "**Espaços Livres às margens do Rio Tietê: usos e apropriações**":

1. **Vínculos Financeiros:** Não possui vínculos financeiros que possam influenciar os resultados ou interpretação do trabalho. Nenhuma instituição ou entidade financiadora esteve envolvida no desenvolvimento deste estudo.
2. **Relações Profissionais:** Não possui relações profissionais que possam impactar na análise, interpretação ou apresentação dos resultados. Nenhuma relação profissional relevante ao conteúdo deste manuscrito foi estabelecida.
3. **Conflitos Pessoais:** Não possui conflitos de interesse pessoais relacionados ao conteúdo do manuscrito. Nenhum conflito pessoal relacionado ao conteúdo foi identificado.